

AULA IV

[Os três elementos do “encontro” — Encontro do eu — Encontro da circunstância: caráter temporal e social da circunstância — O modo de “estar” na circunstância — O estar homogêneo e o heterogêneo — Viver é eu existir fora de mim — Parenteses sobre a semântica do existir: o ser executivo — Nova análise do “estar” — A imaterialidade da circunstância]

Comçomeçaremos voltando ao instante final da aula passada, quando, dizendo que nossa vida é o que estamos fazendo agora, eu acrescentava: “e como averiguamos isso? Muito simplesmente — prossegui —, porque num novo agora, ao ouvir a pergunta: ‘o que é nossa vida, minha vida?’, nós nos debruçamos sobre o agora anterior, e nele nos vimos, encontramos, pescamos. No primeiro agora, nosso fazer consistia em atentar para umas palavras; neste segundo agora, o que fazemos é percebermo-nos, repararmos no fato de que antes estávamos fazendo aquilo. Esse novo fazer se chama refletir ou reparar

em si. Ao buscar ‘minha vida’ eu me encontrei neste salão, atentando para umas palavras; dei-me conta disso. Mas isso de que me dei conta — ‘encontrar-me neste salão prestando atenção’ — inclui muitas coisas, pelo menos três: 1^a, que me encontrei a mim mesmo, ou ao meu eu; 2^a, que encontrei que esse eu estava num salão; 3^a, que encontrei que no salão eu estava fazendo algo, no mínimo, prestando atenção a umas palavras”.

Tomemos agora uma por uma essas coisas que encontrei e digamos sobre cada uma o que é, por ora, estritamente necessário.

Encontro, primeiro, isso que chamo de “eu”. O que ou quem é esse “eu” não pode nos oferecer neste instante nenhum problema urgente. Esse “eu” que encontrei aqui é o mesmo de que falo constantemente — posto que é o eu de minha vida —, no sentido mais vulgar da palavra. Se esse eu encerra graves problemas, não são neste momento uma questão. Basta-nos que o sentido dessa palavra tenha o mesmo grau de precisão ou imprecisão que tem quando a usamos numa conversa, em nossa casa, falando com um amigo ou escrevendo nosso diário íntimo.

Passemos para o segundo achado: este consiste em, ao encontrar-me a mim mesmo, ou a esse eu, encontro-o num salão. Isso já é, desde logo, mais grave, apesar de sua superlativa trivialidade ou precisamente por conta dela. Resulta que, ao encontrar-me, não encontro unicamente a mim mesmo, ao eu, mas encontro um salão, ou seja, outra coisa que não sou

eu. E ademais não se trata de que me encontre eu à parte e, também à parte, o salão. Mas sim que me encontro *no* salão, dentro dele, portanto, não à parte dele, mas o contrário disso. Pode-se dizer que isso é accidental. Há um momento recorde que estava na rua. Perfeitamente: que me encontre no salão ou na rua será accidental, mas não o é o fato de que, sempre que me encontro, eu me encontre dentro de outra coisa, da qual, no mínimo, posso sem dúvida assegurar que será outra coisa que não eu.

Essa é a gravidade a que eu aludia antes. O homem, ao se encontrar, não se encontra em si e por si, à parte ou sozinho, mas, ao contrário, encontra-se sempre em outra coisa, dentro de outra coisa (a qual, por sua vez, se compõe de muitas outras coisas). Encontra-se rodeado do que não é ele, encontra-se num entorno, numa circunstância, numa paisagem. No idioma vital de nossa vida mais vulgar costumamos chamar à circunstância, em geral, de mundo. Digamos, pois, que sempre que me encontro, encontro-me no mundo; entretanto, tenham cuidado mais uma vez para não dar a esse vocábulo “mundo” significações doutras, mas esta, a mais vulgar: mundo quer dizer tudo ao meu redor, o que me envolve por todos os lados. Isso quer dizer que, ao encontrar-me, encontro-me prisioneiro.

Mas isso nos faz reparar num pequeno erro que cometemos ao dizer que, refletindo sobre o que era minha vida, encontrei-me primeiro a mim mesmo. Se eu me encontrei no salão, ou, falando em geral,

no mundo, minha percepção teve primeiro de se parar com o salão, com o mundo, e somente depois deparei-me comigo. Primeiro se encontra a prisão, e depois, dentro dela, o prisioneiro. Não tomemos muito categoricamente esse “primeiro” e esse “depois”, mas deixemos aqui essa advertência. Ao viver, estou sempre me ocupando com as coisas — matérias ou pessoas — que me rodeiam, estou atento à circunstância e, para encontrar-me, tenho de suspender essa atenção normal ao entorno e buscar-me nele, pescar-me de entre as coisas desatentando para estas e reparando em mim. É muito importante essa advertência de que a *consciência* de mim mesmo é essencialmente, e não acidentalmente, posterior à *minha consciência* do mundo, ou, dito de outro modo, que só *reparo* em mim mesmo quando me desatento do mundo, quando, mediante a atenção, me retraio ou retiro do mundo. É claro que esse retirar-se do mundo nunca é efetivo; às vezes *gostaríamos* de nos retirar dele, e lutamos para consegui-lo de alguma maneira parcial e aproximada, mas não somente nunca o conseguimos como, mesmo no feticício e parcial sentido em que se pode consegui-lo, custa-nos um esforço enorme de abstração para nos mantermos à parte. Isso sublinha o fato de que nossa vida, por si, consiste em estarmos consignados ao mundo, e que a vida é inseparavelmente e ao mesmo tempo, sem que uma coisa seja antes ou depois da outra, *contar comigo e contar com o mundo*. Somente quando se trata da consciência, do reparar, é que uma coisa é antes ou depois da outra.

Dentro da enorme circunstância que é o mundo, podemos nos mover com certa liberdade, podemos ir e vir, viajar, emigrar; mas não podemos escapar de seu inexorável círculo total. Por isso eu dizia a vocês na segunda aula: “A vida deixa uma margem de possibilidades dentro do mundo, mas não somos livres para estar ou não neste mundo que é o de agora. Só cabe renunciar à vida, mas, se se viver, não cabe escolher o mundo em que se vive. Isso dá à nossa existência um cariz terrivelmente dramático. Viver não é entrar por vontade própria num lugar previamente escolhido a gosto, como se escolhe o teatro depois da ceia, mas é encontrar-se, de repente e sem saber como, caído, submerso, jogado num mundo impermutável: neste de agora. Nossa vida começa por ser a perpétua surpresa do existir, sem nossa anuência prévia, náufragos num orbe impremeditado”.

O mundo de nossa vida não é apenas circunstância no sentido espacial — logo veremos se, a rigor, essa expressão é adequada —, mas vale para ele algo perfeitamente análogo ao que a teoria da relatividade afirma do mundo da física. A circunstância espacial está condicionada pela temporal. Este mesmo espaço de terra é distinto conforme a época em que se venha a ele. Há vinte séculos estes metros de terreno não eram uma sala de aula, mas provavelmente um azenhal. Mas além disso a circunstância não se compõe somente de coisas em sentido estrito, mas também de pessoas: a circunstância é também sociedade humana, o mundo é também “mundo” em sentido

social. Vive-se no mundo universitário ou no mundo operário ou no mundo chique.

Isso basta, por ora, como ampliação sobre o segundo ponto, que soava assim: encontrei que eu estava *em* um salão.

Quando vocês saírem daqui poderão dizer por aí que estão vindo de uma aula de metafísica na qual, no fim das contas, lhes foi dito que estavam num salão. Pode haver uma disciplina séria que se afane em afirmar tão formidável obviedade, tão terrível vulgaridade? Contudo, notem que somente de ter chamado a atenção sobre o que dizemos quando dizemos que nos encontramos *em* um salão, começamos a descobrir nisso coisas graves. E vejam que não fizemos estritamente mais do que nos darmos conta do que dizemos: não é que acrescentemos algo ao que dizemos, mas simplesmente tomamos posse um pouco mais plena do que pensamos ao dizê-lo. Quando usamos correntemente essas palavras não pensamos com plenitude o que elas dizem, isto é, não pensamos com plenitude nosso próprio pensamento, mas usamo-lo mecanicamente, sem atualizar todo o seu conteúdo. Como um pensamento nosso e, em geral, nossos atos podem exercer-se de dois modos, um modo pleno e um modo deficiente, é algo que vai nos interessar muito durante este curso.

Mas não só nos limitamos a pensar de modo pleno algo que ordinariamente pensamos de modo deficiente, como também, a rigor, o que eu disse sobre o fato de eu “estar num salão” não passa de

uma fração pequenínissima do que deveria e poderia dizer. Entretanto, repito, bastou espremer a frase com nossa atenção para que começasse a vazar um sumo grave.

E ocorre que da frase, da expressão “em um salão”, só reparamos, por um lado, no vocábulo “eu” e, por outro, na palavra “em”. Mas há outra palavra que ficou desconsiderada à qual devemos dar agora um pouco de atenção. É verdade que parece uma palavra inofensiva e quase insignificante: a palavra “estar”. “Eu *estou* num salão”. Revelou-nos algo dela o que dissemos sobre a relação do eu que sou com o salão, relação que consiste em nada menos que a inexorável condição do homem segundo a qual não pode escapar à circunstância, está confinado no mundo.

O que significa isso de eu *estar* num salão? O que é isto: “estar”?

A mesa *está* no salão, ou seja, o pedaço de madeira extensa que é a mesa faz parte do pedaço maior de matéria extensa que é este salão. “Estar” significa, neste caso, fazer parte de um todo. A parte de que se fala constitui, na porção que lhe corresponde, o todo “salão”, ou seja, que, em parte, o salão *é* mesa. Se a retirarmos, este seu vazio terá de ser preenchido por outro elemento homogêneo à mesa, com outro volume de matéria extensa, ainda que seja somente o ar ou o éter. Entre o salão e a mesa há homogeneidade.

Mas quando digo que *estou* no salão, significa isso que faço parte dele? Isso vale para o meu corpo,

mas eu não sou meu corpo ou, pelo menos, não sou apenas o meu corpo. Mas que diabo!, eu, o eu do qual costume falar em minha vida, o eu que vive em minha vida, é algo único, inconfundível e heterogêneo a tudo! Eu não sou um pedaço de matéria, não porque, em virtude destas ou daquelas disquisições, eu pense ser constituído por algo imaterial, chamado alma, espírito ou como se queira chamar: Não é por isso. Talvez eu pense que vocês também sejam constituídos por algo imaterial, que também tenham alma, espírito, e, contudo, eu sou inconfundível com vocês e radicalmente heterogêneo de vocês. Que diabos!, eu não sou mais que eu, eu sou único, não há outro que seja eu, nem sequer outro eu! Acaso algum de vocês, por mais “outro eu” que seja, padeceu ontem à tarde a dor de dente que *eu* tive de agüentar? Acaso o esforço que estou fazendo para entender este professor de metafísica que fala detrás de uma mesa algum outro dos presentes o faz por mim? Pode ser que alguém faça um esforço completamente igual, mas o mesmo, aquele que eu faço, ninguém mais o faz nem o pode fazer. Ele faz o seu, e eu faço o meu. Eu sou, pois, heterogêneo a qualquer outro eu, por mais “eu” que este seja.

Entretanto — e fique por hoje sugerido somente de passagem —, notem o gigantesco pecado filosófico que estamos cometendo. “Homogêneo” quer dizer “do mesmo gênero”, “que se pensa com o mesmo conceito”. “Heterogêneo” quer dizer “de outro gênero”, “que se pensa com outro conceito”. “Eu” é

o mesmo conceito, aplicado a mim ou aplicado a qualquer um de vocês. E, contudo, nos deparamos aqui com a desopilante evidência de que a homogeneidade de conceito implica, neste caso, a heterogeneidade de *ser*. Mas esse tremendo paradoxo não deve nos deter agora. Logo o enfrentaremos cara a cara, quando chegar a oportunidade. O que interessa agora é vocês se darem conta de que o eu de cada um é único. É, simplesmente, o eu que vive sua vida, e essa vida que ele vive não a vive outro, *ainda que fossem iguais todos os conteúdos de ambas as vidas*.

Agora vocês compreendem por que eu disse: “Eu não sou um pedaço de matéria, mas não porque, em virtude destas ou daquelas disquisições eu pense ser constituído por algo imaterial, chamado alma ou espírito”. O que faz com que eu não seja um pedaço de matéria não é especialmente que o pedaço de matéria seja um pedaço de matéria e eu, ao contrário, imaterial, mas algo muito mais fundamental e decisivo, a saber, que eu não sou mais que eu, que sou único, e todo o resto, seja matéria seja outro espírito, é outra coisa em relação a mim, é outro em relação a mim.

O decisivo, pois, na significação das palavras “eu estou num salão” é que neste caso o que está no salão é radicalmente outra coisa em relação ao salão, heterogêneo a ele, e que seu “estar nele” não é fazer parte dele.

O que é então esse *estar*, que parecia inofensivo e quase insignificante? Basta traduzir para uma expressão positiva o que acabamos de expressar de forma

negativa: eu estar no salão é eu existir num outro em relação a mim, portanto, é existir fora de mim, em terra estranha, é ser constitutivamente forasteiro, posto que não faço parte daquilo em que estrou, não tenho nada a ver com isso.

E, como dissemos que isso — estar numa circunstância ou no mundo — é constitutivo de minha vida, quer dizer que o homem existe fora de si, no outro, em país estranho — quem sabe inimigo? —, não às vezes ou de vez em quando, mas sempre e essencialmente. Viver é existir fora de si, estar fora, expulso de si, consignado a outro. O homem é, por essência, forasteiro, imigrante, desterrado.

Mas esta fórmula: “viver é eu existir fora de mim” nos obriga a uma operação exatamente oposta à que nos vimos obrigados a realizar sobre a expressão “a vida é evidente”. Então tivemos de corrigi-la, por que só era verdadeira numa primeira aproximação. Agora ocorre o contrário. A fórmula: “viver é existir fora de mim” é... demasiado verdadeira. Ou seja, ao usá-la demasiado rapidamente, apesar de algumas vantagens didáticas que justificam o fato de eu ter-me apressado em empregá-la, tem a desvantagem de que ainda não a podem entender em seu preciso e pleno sentido.

De fato, usa-se nela o vocábulo “existir”, cuja significação não é patente a vocês. Esclareçamos, antes de mais nada, esse significado, mas pondo esse esclarecimento entre parênteses, fora da análise da vida que estamos fazendo, para que vocês não se confundam.

Dissemos que esta mesa, esta luz, existem, e ao dizermos que algo existe sugerimos simplesmente que este algo há. O comerciante nos dirá ter de um certo artigo muitos exemplares,¹ isto é, que esse artigo há em grande número dentro de seu armazém.

Em contrapartida, do centauro e do unicórnio dizemos que não existem, isto é, que não há. Poderíamos dizer, como o comerciante, que do centauro e do unicórnio não temos exemplares.

Repito que, a princípio, entendemos o fato de algo existir ou não existir como havê-lo ou não havê-lo. Contudo, algo haver, que algo haja, não diz desse algo senão que eu o posso ou o tenho de encontrar num certo âmbito. Não entremos em detalhes sobre o assunto. Vamos direto ao que nos urge. O âmbito onde posso ou tenho de encontrar o que chamo de “existente” no uso mais corrente da palavra não é um qualquer. Por exemplo, no âmbito da poesia galopa o centauro, trazendo no dorso uma ninfa raptada; nesse âmbito, portanto, existem, há centauros. Ao contrário dizemos que não os há no mundo, porque, pelo visto, entendemos por mundo precisamente o âmbito das coisas existentes num sentido peculiar. O geômetra se pergunta se determinada figura existe, o aritmético se um certo número existe; por exemplo, se existe o número infinito, o número maior que todos os números. Ambos se referem a certo gênero de existência: a existência puramente matemática,

1 “Muchas existencias”: *existencia* tem a acepção de “unidade de uma mercadoria”. — NR

o âmbito ideal dos puros objetos matemáticos. Na matemática contemporânea se usa um teorema de existência que determina justamente isto: se o número tal ou qual há ou não há.

Portanto, existência e existir no sentido de “haver algo” não fazem senão nos transferir para um âmbito cujo caráter é decisivo para o que aquelas palavras vierem significar.

E, entretanto, não se pode negar que mesmo no idioma vulgar “existir” tem um significado principal que de certo modo exclui os outros. Algo existir não é, nesse sentido primordial, simplesmente que ele haja, mas que haja no âmbito das “coisas reais”, efetivas... Mas — é um fato curioso — notamos que nos faltam palavras adequadas para expressar em nosso pensamento essa diferença radical no modo de haver centauros e de haver cavalos. Em princípio poderíamos imaginar todos os componentes do centauro com a mesma precisão que os do cavalo, ou seja, tudo o que o centauro é. E, contudo, o centauro que há na poesia não há como o cavalo, a saber, efetivamente. Mas não só o centauro: em relação à espécie mesma “cavalo”, acontece que há cavalos — no sentido lato de haver — dos quais é preciso dizer que não há no sentido mais rigoroso de existência. Por exemplo, o rocim Rocinante há apenas no *Quixote*, mas não há na realidade. Aqui, o que há e o que não há são o mesmo, variando somente o sentido de haver ou existir.

Isso nos faz notar que, ao falar da existência de algo, temos de distinguir duas coisas: o algo que existe

e o existir desse algo. Ou, com outra expressão: o que há, e o fato de isso haver. Este “isso” e aquele “algo” significam a mera essência, o conjunto de ingredientes que integram uma coisa, em suma, o que uma coisa é. O centauro e o cavalo têm cada um sua essência, nem mais nem menos um em relação ao outro. Mas o centauro não torna sua essência efetiva, não é efetivamente o que é; o centauro é inefetivamente, não existe. A essência fica sem execução. Pois bem, em seu sentido primário e rigoroso, algo existir significa a execução ou a efetuação desse algo. Em vez de usar nossa palavra “existência”, Aristóteles dizia: “posto por obra, efetuado” — *enérgeia on* —, e os escolásticos traduziram esse termo dizendo: “pôr em ato”, “ser em ato” ou “atualidade”. Se dizemos que o branco desta parede existe, queremos dizer que a essência desta brancura se executa, é executivamente; diríamos, que o branco “branqueia”, faz sua brancura. Ao contrário, o branco do cisne de Leda não efetua sua essência, não alcança execução. Ao pensar o mito, eu penso não somente esse branco, mas que esse branco se executa; porém, pensar a execução de algo não é o efetivo executar-se desse algo.

Existência *sensu stricto* significa, pois, algo ser executivamente, ser efetivamente o que é; em suma, execução de uma essência.

Se agora comparamos o sentido de existência como execução com o sentido de existência como “algo haver”, notaremos que, neste segundo caso, ao dizer de algo que existe, isto é, que há, não dizemos

a rigor nada desse algo, mas sim de nós mesmos. Por isso, ao dizer “há uma coisa”, entendemos que podemos ou temos de encontrá-la num certo âmbito. Da coisa não dizemos nada: dizemos somente o que se passa conosco em relação a ela, a saber, que a podemos ou devemos encontrar. Mas é evidente que isso é indiferente à coisa: porque a nós ocorre de encontrá-la, mas a ela não lhe acontece nada.

Mas no sentido estrito de existir como executar-se uma coisa, um algo, uma essência, acontece, sim, algo à coisa; acontece-lhe nada menos que estar efetivamente sendo o que é, estar “fazendo sua essência”. Esse conceito de existência é tomado desde o ponto de vista da coisa (e expressa a sensação que esta teria se fosse capaz de sentir, a sensação do esforço que faria para efetuar sua essência, para *ser-se*); ao passo que o outro, existir como simples “há coisa”, é um conceito pensado desde o ponto de vista de um espectador que vê, que mira a coisa desde fora dela.

Eis aqui as abstrusas considerações a que nos obrigou não mais que o intento de esclarecer o sentido do vocábulo “existir”. Eu tinha razões para julgar que a fórmula “viver é existir fora de si” era demasiado exata, ainda que eu a tenha empregado, desde logo, muito deliberadamente e consciente de seus perigos. Mas já que conseguimos uma certa clareza sobre o significado de “existir”, aproveitemos nosso trabalho tirando as consequências daquele esclarecimento para a nossa frase: “viver é eu existir fora de mim mesmo”. Em vez de “existir” digamos: “executar

minha essência”. Teremos então: viver é executar minha essência, ou aquilo que eu sou, fora de mim; fora de mim, entenda-se, fora de minha essência, naquilo que não é minha essência, num elemento estranho ao meu ser. O elemento em que esta mesa se executa, efetua sua essência, não é estranho a ela. O lugar *em* que a mesa atualiza o seu ser, o executa, não é heterogêneo a ela. Sua essência é uma combinação de átomos: seu entorno, a circunstância onde ela existe — este salão, o planeta, etc. —, se compõe também de átomos. Mas, além disso, a essência desta combinação de átomos que é a mesa inclui todo o restante dos átomos cósmicos, e vice-versa; os demais não seriam o *que* são sem estes, nem estes sem aqueles. A rigor, pois, a essência da mesa é a mesma que a de seu redor ou circunstância. Para a mesa, existir não será, pois, executar-se fora de si, já que o que há fora dela é o mesmo que há nela.

Mas o caso de nossa vida é o contrário disso. Eu sou único, minha essência é só minha, e tem de executar-se em um outro. Aqui, pois, o existir não coincide com a essência, com o ser.

Estaríamos num caso parecido ao do ator que “faz” Hamlet. A essência de Hamlet tem de ser executada num teatro, tem de existir *no* teatro. Hamlet tem de sair de si para ser atuado, efetuado por um ator num determinado cenário; isto é, Hamlet tem de ser feito com o que não é Hamlet. Assim é nossa vida: eu tenho de efetuar-me no mundo, entre as coisas, entre os outros homens, com um corpo que

me foi sorteado e que padece enfermidades, com uma alma talvez não muito bem dotada de vontade ou de memória ou de inteligência.

Aqui vocês podem fechar o parêntese que podemos chamar de “Semântica do termo *existir*”.

Ainda que nos sirva muito no futuro o que acabamos de dizer, reconhecamos que entre isso e aquele humilde “estar num salão” se interpõe tal distância que não vemos caminho aberto de um para outro. Não vemos como vocês estarem agora neste salão seja executar sua essência. Esse termo fica, por ora, irremediavelmente distante, sem evidência, abstruso.

Por isso temos de retroceder ao mais trivial, temos de voltar à análise da palavra “estar”, que abandonamos pela outra, mais doura e abstrata, “existir”.

Dizíamos que eu estar num salão não era fazer parte dele, porque o salão, e em geral a circunstância ou mundo, é completamente heterogêneo em relação a mim. A circunstância é o outro em relação a mim, e eu estar nela equivale a estar fora de mim, num elemento estranho. Mas isso é precisamente o que agora nos conviria entender com clareza e em seu conteúdo concreto.

Se digo que eu estar no salão é estar fora de mim, expressei minha relação com este salão mediante um termo espacial: “fora”. Mas é evidente que esse termo espacial só pode ter aqui um sentido metafórico. A rigor, só um ponto do espaço e a matéria

inscrita nele podem estar fora de outra coisa. Esta mesa está fora do resto do salão. O espaço consiste precisamente na possibilidade de que umas coisas estejam fora das outras. O espaço é a coexistência de pontos, uns junto e fora dos outros.

Pois bem: 1º, eu não sou um ponto do espaço; portanto, não posso estar fora dos outros pontos do espaço; 2º, a expressão formulada não era que eu estivesse fora das outras coisas, mas que o fato de eu estar no salão equivaleria a eu estar fora de mim mesmo. O ponto do espaço não está nem pode estar fora de si, precisamente porque cada um que está em si está fora dos outros.

Portanto, a frase estar “fora de si”, interpretada espacialmente, tem um sentido absurdo e só pode aspirar a ser inteligível se entendida como metafórica. “Estar fora” significa, aqui, de fato, não mais que “estar no outro”. Ou seja, cáimos novamente na expressão abstrata quando buscamos um sentido correto para “estar eu no salão”.

A dificuldade com que nos deparamos para ir adiante procede de um erro que por muito tempo ainda cometeremos neste curso de vez em quando, por mais taxativas que sejam minhas recomendações para que o evitemos. Esse erro trava e travará durante muito tempo, todavia, a nossa descrição da vida. Consiste no fato de que o que estamos descrevendo — nossa vida — é o mais elementar, o prévio a tudo mais; muito especialmente prévio à ciência, já que a ciência não é mais que uma coisa

entre as inumeráveis coisas que fazemos em nossa vida. E ocorre que, em vez de nos atentarmos para o que essa realidade elementar e primitiva é, e ao cariz que nela apresentam seus ingredientes, metemos na descrição da vida o que já não é a vida, mas erudição nossa *sobre* o que há nela. A física, por exemplo, nos faz saber que nosso entorno é um espaço cheio de matéria, a qual é constituída por átomos que vibram. Suponhamos por um momento que essa opinião da física fosse absolutamente verdadeira; portanto, que fosse uma opinião definitiva. (Essa suposição é bastante generosa, porque vocês não ignoram que na física não há, nem pode haver, nada definitivo; mas partamos dela para extremar a consideração). Pois bem, mesmo em tal caso sempre resultaria que essa opinião da física não seria senão uma opinião nossa sobre o entorno em que estamos quando vivemos. Mas uma opinião, uma teoria sobre o nosso entorno, por muito certa que seja, não é nosso entorno. Ao contrário, supõe o que nosso entorno é e era antes de nossa teoria, e o que continuará sendo com ela e depois dela. Meu entorno vital não é constituído por átomos; se assim fosse, eu não necessitaria em minha vida de fazer ou aprender física, mas simplesmente vivendo já me encontraria com os átomos, sem necessidade de pensar *sobre* meu entorno para descobri-los.

Na análise da frase “estar eu num salão”, não conseguimos esclarecer o sentido do *estar* pela simples razão de que, dando atenção ao “eu”, ao “em” e ao

“estar”, deixamos para trás como coisa clara por si o significado de “salão”. E esse descuido deu lugar a que entendêssemos doutamente, e não vitalmente, o que é esse ingrediente do que agora é minha vida. Como coisa certa entendemos “salão” por um corpo físico, um espaço material. E daí vieram todas as dificuldades, todos os infortúnios pelos quais estamos passando. Era inevitável que, se o salão é um espaço material, o “estar eu em” um salão tivesse também um sentido de relação espacial e material com este.

Entretanto, não é assim. Eu sustento que, se nossa vida agora consiste em estar neste salão, este salão não é, em sua realidade primária e própria, um espaço, nem é nada material. Isso pode produzir em vocês uma estupefação tão grande que bem merece deixar o desenvolvimento dessa idéia extravagante para a próxima aula.